



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDU
CURSO DE PEDAGOGIA

JAQUELINE DOS SANTOS PEREIRA

**O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORGANIZAÇÃO
DOS ESPAÇOS E MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS EM UMA REVISÃO NARRATIVA DA
LITERATURA**

Maceió
2026

JAQUELINE DOS SANTOS PEREIRA

**O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORGANIZAÇÃO
DOS ESPAÇOS E MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS EM UMA REVISÃO NARRATIVA DA
LITERATURA**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Viana Figueiredo

Maceió
2026

JAQUELINE DOS SANTOS PEREIRA


**O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS EM UMA
REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Artigo Científico defendido e aprovado em 27/05/2026.


Orientador: Prof. Dr. Pedro Paulo Viana Figueiredo

BANCA EXAMINADORA


Documento assinado digitalmente
 PEDRO PAULO VIANA FIGUEIREDO
Data: 28/06/2026 09:13:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Paulo Viana Figueiredo (CEDU/UFAL)

Presidente

Documento assinado digitalmente
 CLERISTON IZIDRO DOS ANJOS
Data: 02/07/2026 20:36:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cleriston Izidro dos Anjos (CEDU/UFAL)

2º. Membro
Documento assinado digitalmente
 ADALBERTO DUARTE PEREIRA FILHO
Data: 30/06/2026 11:14:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adalberto Duarte Pereira Filho (CEDU/UFAL)

3º. Membro

Maceió
2026

O DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS EM UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

Jaqueline dos Santos Pereira
jaquedsantosp@gmail.com

Pedro Paulo Viana Figueiredo
pedro.figueiredo@cedu.ufal.br

Resumo: O presente artigo discute o desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil, com atenção à organização dos espaços, às propostas pedagógicas e à mediação docente. O estudo parte da compreensão de que a autonomia infantil não se reduz à independência individual, mas se constrói nas relações entre crianças, adultos, materiais, tempos, brincadeiras e ambientes intencionalmente planejados. O objetivo é compreender, a partir de uma revisão narrativa da literatura, como a disposição do espaço e as práticas pedagógicas podem favorecer experiências de escolha, participação, cuidado de si e iniciativa das crianças. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em estudos sobre desenvolvimento infantil, pedagogia montessoriana, organização do ambiente escolar e Educação Infantil. A análise indica que ambientes acessíveis, seguros, ricos em possibilidades de exploração e organizados com intencionalidade ampliam as condições para que as crianças participem ativamente do cotidiano institucional. Também evidencia que o/a professor/a exerce papel fundamental como mediador/a, observador/a e organizador/a de experiências que respeitam ritmos, interesses e necessidades infantis. Conclui-se que promover a autonomia na Educação Infantil exige articular cuidado, educação, brincadeira, escuta e planejamento dos espaços, reconhecendo a criança como sujeito histórico, social e de direitos.

Palavras-Chave: Autonomia Infantil. Educação Infantil. Organização do Espaço. Mediação Pedagógica. Montessori.

Abstract: This article discusses the development of autonomy in Early Childhood Education, focusing on the organization of spaces, pedagogical approaches, and teacher mediation. The study is based on the understanding that children's autonomy is not merely a matter of individual independence but is constructed through relationships involving children, adults, materials, time, play, and intentionally planned environments. Through a narrative literature review, the aim is to understand how spatial layout and pedagogical practices can foster experiences involving choice, participation, self-care, and initiative among children. Methodologically, this is a qualitative bibliographic study grounded in research on child development, Montessori pedagogy, the organization of school environments, and Early Childhood Education. The analysis indicates that environments that are accessible, safe, rich in exploration opportunities, and intentionally organized enhance the conditions for children to participate actively in daily institutional life. It also highlights the teacher's fundamental role as a mediator, observer, and organizer of experiences that respect children's rhythms, interests, and needs. The study concludes that promoting autonomy in Early Childhood Education requires integrating care, education, play, listening, and spatial planning, while recognizing the child as a historical and social subject with rights.

Keywords: Child Autonomy. Early Childhood Education. Spatial Organization. Pedagogical Mediation. Montessori.

1 INTRODUÇÃO

Autonomia é um termo originário do grego, em referência à faculdade de regência própria (ou autogoverno) da *polis*, liberdade ou independência moral ou intelectual. Com isso, pode-se dizer que um sujeito “autônomo” é aquele que tem capacidade de se autogovernar, tomar suas próprias decisões (Castro, 2006).

Sendo assim, a autonomia é compreendida como capacidade de participação, escolha, protagonismo e desenvolvimento integral da criança no processo educativo. o desenvolvimento da autonomia na educação infantil, é um processo de construção gradativa, tornando a criança capaz de realizar atividades por si mesma, tomar decisões e agir de forma independente, de acordo com sua idade e habilidades. Segundo Zuchini (2022), nos últimos anos as competências denominadas socioemocionais são um conjunto de habilidades que norteiam as emoções e ações do indivíduo, fundamentais para o desenvolvimento pessoal e social, a fim de impactar o mundo de uma maneira saudável.

Em meio às atividades para o desenvolvimento de competências socioemocionais está o desenvolvimento da consciência, sendo relacionada à autonomia, que é a capacidade de fazer escolhas, inserida na rotina da escola, criando um ambiente saudável e propício tanto para aprendizagem, quanto para a convivência.

Segundo Epstein e Hohmann (2019), a autonomia é a capacidade da criança assumir o controle, de levar a cabo ações de independência e exploração, pois é a partir da autonomia que a criança conseguirá realizar atividades básicas sozinha, desenvolver sua capacidade cognitiva, aumentar seu senso de responsabilidade com impactos na vida adulta.

Na Educação Infantil, a autonomia refere-se ao desenvolvimento das habilidades das crianças para fazer escolhas, resolver problemas e cuidar de si mesma de maneira independente, de acordo com sua idade e capacidade. Isso inclui possibilidades como se vestir só, escolher atividades, brincadeiras, compartilhar e resolver conflitos com os colegas e realizar atividades básicas do cotidiano. Tudo isso contribui significativamente para o desenvolvimento da criança, podendo ser realizado ao oferecer a ela a oportunidade de vivenciar experiências diversas.

A conquista da autonomia é aspecto central no desenvolvimento infantil. A ação excessiva do adulto, ao realizar tarefas pela criança e suprimir sua possibilidade de fazer sozinha, priva-a de experiências significativas de aprendizagem. Perspectiva que dialoga com o princípio montessoriano de que toda ajuda inútil detém o desenvolvimento e com o que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), ao apontar a autonomia como competência fundamental a ser desenvolvida desde a primeira infância. Assim, oportunizar que a criança

investigue, experimente e resolva problemas por si mesma é condição para a construção do sujeito.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) destaca a importância da autonomia na Educação Infantil como uma das competências fundamentais a serem desenvolvidas desde a primeira infância. Para a BNCC, competência é:

Definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos) habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2017, p.8).

Segundo Castor e Oliveira (2021, p.113) Competência é aquilo que permite aos estudantes desenvolver plenamente cada uma das habilidades e aprendizagens essenciais estipuladas pela base. De acordo com a BNCC (2017, pg. 40), a autonomia na educação infantil está relacionada à capacidade da criança de tomar decisões, resolver problemas, explorar e interagir com o mundo ao redor de maneira independente, sempre respeitando o seu próprio ritmo e características, organizando o desenvolvimento da autonomia dentro dos Campos de Experiência, que incluem cinco áreas principais:

- 1. O Eu, o Outro e o Nós** - Incentiva as crianças a desenvolverem uma imagem positiva de si mesmas e uma postura de cooperação e respeito aos outros. A autonomia é estimulada ao permitir que elas expressem suas preferências, opiniões e aprendam a resolver conflitos.
- 2. Corpo, Gestos e Movimentos** - Promove o desenvolvimento motor e a exploração física, essenciais para que a criança ganhe confiança em suas capacidades e aprenda a se mover com independência e segurança.
- 3. Traços, Sons, Cores e Formas** - Estimula a autonomia criativa, ao proporcionar que as crianças explorem e expressem seus sentimentos e ideias por meio de diferentes linguagens artísticas, como desenho, pintura, música e dança.
- 4. Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação** - Trabalha a autonomia na comunicação, incentivando as crianças a expressarem suas ideias, ouvirem os outros e interagirem com o mundo, promovendo o desenvolvimento da linguagem.
- 5. Espaços, Tempos, Quantidades, Relações e Transformações** - Através do contato com conceitos básicos de espaço, tempo e quantidade, a BNCC incentiva que as crianças comecem a desenvolver noções de organização, iniciativa e responsabilidade.

Nesse contexto, a BNCC sugere práticas pedagógicas que promovam a autonomia e a participação ativa das crianças em suas rotinas, encorajando a curiosidade, o centro de responsabilidade e a capacidade de tomar decisões ajustadas ao seu nível de desenvolvimento. A ideia é que as crianças sejam protagonistas do próprio aprendizado, com apoio dos

educadores que planejam ambientes e experiências que estimulam essa construção gradual de autonomia.

A BNCC exalta o protagonismo da criança, o potencial para aprender mediante experiências lúdicas e de interação. Esse protagonismo reconhece a criança como um ser dotado de capacidade e direitos de aprendizagem, em que ela é capaz de participar, conviver, explorar, expressar, conhecer-se e brincar, desenvolvendo-se pessoal e socialmente (Castor; Oliveira, 2021, p. 129).

Diante do exposto, pode-se inferir que a importância do desenvolvimento da autonomia na infância significa dar espaço e oportunidades para que as crianças explorem, aprendam, e tomem decisões dentro de limites seguros e apropriados para sua idade. Isso pode ajudar no desenvolvimento de sua autoconfiança, autoestima e habilidades sociais, preparando-as para se tornarem adultos autônomos e responsáveis.

Segundo as palavras de Emmi Pikler – “a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta” e, também, que o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, um comentário verbal, uma ajuda em caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida (Falk, 2011, p. 27).

Archard (2015) afirma que somos seres que anseiam por autonomia, que está relacionada à nossa satisfação, sendo uma pré-condição de ter uma boa vida. Se aplicarmos isso às crianças, significa que estamos preparando seres confiantes e responsáveis para uma vida de qualidade emocional e social.

Tendo a discussão sobre autonomia da criança como foco, o presente artigo possui como temática a relevância do desenvolvimento da autonomia na educação infantil. A motivação para o estudo surgiu da minha experiência formativa em contexto da Educação Infantil. Essas experiências foram tomadas apenas como ponto de partida para a definição do tema, sem utilização de dados identificáveis de crianças, famílias, profissionais ou instituições. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o estudo fundamenta-se em fontes públicas e textos acadêmicos.

A escolha do tema surgiu da minha experiência como auxiliar de sala em um Centro Municipal de Educação Infantil de Maceió, onde foi possível observar que a organização do cotidiano, dos espaços e das propostas pedagógicas interfere nas possibilidades de participação das crianças. A partir dessa vivência, o estudo busca compreender como a autonomia pode ser favorecida na Educação Infantil sem perder de vista o cuidado, a brincadeira, a mediação docente e o direito das crianças a experiências significativas.

Com essa aproximação, a investigação voltou-se para a relação entre autonomia e ambiente educacional infantil, considerando que os espaços, materiais, tempos, brincadeiras e interações podem ampliar ou limitar as experiências de escolha, iniciativa e participação das crianças.

Diante disso, a pergunta que orienta este artigo é: como a organização dos espaços e das propostas pedagógicas pode favorecer o desenvolvimento da autonomia de crianças na Educação Infantil?

Metodologicamente, o artigo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de revisão narrativa da literatura (Cavalcante e Oliveira, 2020) Foram priorizadas obras e estudos que discutem autonomia infantil, organização do espaço, mediação docente e desenvolvimento da criança na Educação Infantil. A análise dos textos buscou identificar aproximações entre três eixos: criança como sujeito ativo, ambiente educativo intencionalmente organizado e papel do professor como mediador das experiências infantis.

O objetivo geral deste artigo é compreender como a organização dos espaços e das propostas pedagógicas pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia de crianças na Educação infantil.

Objetivos específicos: discutir o conceito de autonomia no contexto da Educação Infantil; analisar contribuições de Montessori e de autores do desenvolvimento infantil para pensar a relação entre criança, ambiente e mediação docente; identificar princípios pedagógicos para a organização de espaços e propostas que favoreçam a participação, a escolha e a iniciativa das crianças.

Para tal, esse trabalho se divide em duas partes. Na primeira, analisamos sobre a importância de Maria Montessori e sua proposta de educação infantil com foco na autonomia. Na segunda, abordamos sobre a importância do ambiente escolar para a promoção da autonomia. Por fim, foram elaboradas considerações a partir das literaturas consultadas.

2 MONTESSORI E SEU MÉTODO: O FOCO NA AUTONOMIA

Uma precursora sobre a questão da autonomia infantil a partir da escola é Maria Montessori (1870-1952) que, através do seu método, deu protagonismo à aprendizagem das crianças, salientando o respeito pela individualidade dos sujeitos, o tempo de aprendizagem e limitações de cada um.

Maria Tecla Artemísia Montessori nasceu em 31 de agosto de 1870, na cidade de Chiaravalle, Itália, e faleceu em 1952, aos 81 anos na Holanda. Em 1896, foi a primeira mulher a ser formada como Médica em toda a Itália, pela Universidade de Roma. Em 1897, passa a se interessar em trabalhar com crianças com deficiência intelectual. Em 1898, Montessori exercia um trabalho na direção do Instituto Ortofrênico de Roma (*Scuola Magistrale Ortofrenica di Roma*), onde constatou que crianças com deficiências cognitivas poderiam ser educadas, por isso, desenvolveu uma forma para efetivar o processo de educação formal dessas crianças.

Uma das obras mais importantes de Maria Montessori é "*The Montessori Method*" (*Il Metodo della Pedagogia Scientifica Applicato all'Educazione Infantile nelle Case dei Bambini*), publicada originalmente em 1909. Esse livro é um marco na Pedagogia e descreve os fundamentos de seu método educacional, enfatizando o respeito pela autonomia da criança, o ambiente preparado e o aprendizado prático. Outra obra relevante é "*A Criança*" (1986) onde Montessori explora mais profundamente o desenvolvimento infantil e a importância de uma abordagem centrada na criança.

A autora foi considerada à frente do seu tempo porque seu método de ensino e aprendizagem foi inovador, pois permite que a criança aprenda partindo de si mesma e se utilize do autoconhecimento (Aranha, 2006). A educadora defende a autonomia na realização de atividades e a liberdade de escolha de cada criança, além do preparo adequado do ambiente, proporcionando espaços para um desenvolvimento significativo, com habilidades essenciais para serem desenvolvidas na busca da independência criativa e segura da autonomia na infância.

Para a educadora, o ambiente de aprendizagem preparado é fundamental para que a criança possa desenvolver-se plenamente, pois ele oferece estrutura necessária e adequada para o protagonismo de sua própria aprendizagem.

O desenvolvimento e o crescimento apresentam fundamentos e ligações cada vez mais estreitas entre o indivíduo e o ambiente, pois o desenvolvimento da personalidade - ou seja a famosa Liberdade da criança - não pode ser outra coisa se não a independência progressiva desta em relação ao adulto, conseguida graças a um ambiente adequado no qual ela possa encontrar os meios necessários para desenvolver as próprias funções (Montessori, 1986, p.199).

O modelo pedagógico desenvolvido por Montessori tem por finalidade estabelecer harmonia entre o corpo, intelecto e desejo das crianças, provocando o indivíduo a aprender com autonomia.

Segundo Silveira (2014), dentre os princípios da pedagogia Montessoriana, está o respeito pela individualidade dos sujeitos, o tempo de aprendizagem e limitações de cada um, pois a educadora defende a autonomia e liberdade de cada criança, através das escolhas das atividades propostas.

Em 1907 aceitou um trabalho como diretora de uma creche infantil e no mesmo ano foi fundada uma casa popular batizada com o nome de *Casa Dei Bambini* (Casa das Crianças), que recebiam crianças de até 6 anos de idade, espaço escolar que ficou conhecido no mundo todo, tornou-se um marco na educação e revolucionou os métodos educacionais (Cruz e Cruz, 2019).

Para a autora, os recursos didáticos devem possibilitar um conhecimento consciente às crianças, pois é através de atividades práticas que os indivíduos se tornam autônomos. Nesse sentido, o ambiente escolar é de grande relevância, pois deve ser preparado pensando nas crianças, esse conhecimento levou Montessori a desenvolver mobiliário adequado para o tamanho das crianças, facilitando completa autonomia no manuseio dos objetos.

Mandei construir mesinhas de formas variadas, que não balançassem, e tão leves que duas crianças de quatro anos pudessem facilmente transportá-las; cadeirinhas, de palha ou de madeira, igualmente bem leves e bonitas, e que fossem uma reprodução, em miniatura, das cadeiras de adultos, mas proporcionadas às crianças... Também faz parte dessa mobília uma pia bem baixa, acessível às crianças de três ou quatro anos, guarnecida de tabuinhas laterais, laváveis, para o sabonete, as escovas e a toalha. Todos esses móveis devem ser baixos, leves e muito simples. Pequenos armários, fechados por cortina ou por pequenas portas, cada um com sua chave própria; a fechadura, ao alcance das mãos das crianças, que poderão abrir ou fechar esses móveis e acomodar dentro deles seus pertences... (Montessori, 1965, p.42).

Em sua perspectiva, a preparação do ambiente é de suma importância. Podemos observar o cuidado que a educadora tinha em fazer com que as crianças participassem da vida cotidiana, incluindo ter acesso a mobílias, utensílios, prateleiras, brinquedos e objetos que, muitas vezes, os/as educadores/as não permitem que as crianças tenham acesso, privando-as de uma vida prática e autônoma. O método de Montessori propunha uma nova percepção de comportamento infantil, em que o ambiente escolar garantisse os movimentos das crianças e tornassem seus protagonistas livres (Cruz; Cruz, 2019).

Urge que um método de educação, baseado sobre a liberdade, apareça para ajudar a criança a conquistá-la: isto é, que ele possa reduzir ao mínimo os laços sociais que limitara sua atividade. À medida que a criança avança por este caminho, suas manifestações espontâneas far-se-ão límpidas de verdade, revelando sua própria natureza. Eis porque a finalidade da primeira forma de intervenção educativa é conduzir a criança à independência (Montessori, 1965, p. 51).

Para Montessori, os adultos possuem uma má interpretação da natureza infantil, por isso, propõem às crianças atividades impróprias para a idade, necessidades físicas e psíquicas, ou, as privam de atividades que elas podem realizar e as submetem a suas vontades. As atividades propostas para as crianças dentro do ambiente educacional devem ser significativas e ativas.

O método desenvolvido por Montessori tem como característica atividades dotadas de sentido, que caminhem para um fim definido, levando em consideração os interesses e aspirações das crianças. Suas ideias principais estão ligadas a vitalidade, liberdade e individualidade.

A partir dessas breves considerações sobre Montessori e sua proposta no que diz respeito à relação entre ambiente escolar e autonomia, na seção a seguir discutimos sobre como esta relação é pontuada a partir da literatura consultada em nossa revisão.

3 A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA

Um ambiente escolar preparado é fundamental para que as crianças possam desenvolver-se plenamente, e a escola ocupa um papel de espaço educador de extrema relevância na sociedade. Além de fornecer preparação intelectual e moral aos alunos, é também onde ocorre a inserção da vida social, constituindo-se como o principal meio social frequentado pelas crianças, após o contexto familiar.

A escola ocupa papel central no desenvolvimento da autonomia infantil justamente porque a infância adquiriu novo estatuto social nas últimas décadas. Como apontam Sarmiento e Pinto (1997, p. 13), as crianças e as problemáticas associadas à infância estão “na ordem do dia das agendas política, mediática e da investigação”, evidenciando que a criança deixou de ser um sujeito invisível para tornar-se protagonista social.

Nesse contexto de visibilidade, o ambiente escolar consolida-se como o principal meio social frequentado pela criança após o contexto familiar. Não se trata apenas de um espaço de preparação intelectual e moral, mas de um espaço onde a criança, reconhecida como sujeito histórico e de direitos, deve ter oportunidades concretas de exercer sua autonomia. Conforme defende Wallon (1989), é impossível compreender o desenvolvimento infantil sem analisar os meios onde a criança se insere, sendo a escola um meio determinante para que ela experimente, escolha e construa sua independência de forma mediada.

Um dos pesquisadores do desenvolvimento infantil na interface com a educação, que destacou o papel do meio social no desenvolvimento, foi Henri Wallon (1879-1962). Foi um psicólogo, filósofo e médico francês, conhecido por suas contribuições à psicologia do

desenvolvimento infantil e à educação, de acordo com ele: “O estudo da criança exigiria o estudo dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a este e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo” (Wallon, 1989, p.189). A teoria de Wallon expressa que o desenvolvimento da criança surge da interação genética (possibilidades internas) com os fatores ambientais e as condições do cotidiano (adaptação do meio) em que está inserido na sociedade.

Nesse sentido, Almeida (2010) destaca três pontos importantes na teoria de Wallon. Primeiro: a atuação da escola deve ser direcionada por completo, oferecendo meios para o desenvolvimento integral nas dimensões afetiva, cognitiva e motora. Segundo: a escola deve conhecer as capacidades e necessidades das crianças. Terceiro: o meio físico e social é essencial para o desenvolvimento da criança, por isso a escola precisa criar condições para essas possibilidades.

As relações que ocorrem nesse contexto educacional são em sua maioria reguladas pelos adultos, ao mesmo tempo em que são também geridas por decisões tomadas pelas próprias crianças conforme situações que ocorrem, ou são desencadeadas por elas. Elali (2003, p. 310) afirma que “De modo não verbal, por sua vez, o meio físico tem impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos.”

Aquino (2015) descreve a escola, em especial a educação infantil, como um tempo extremamente significativo e potente para o desenvolvimento da criança, uma vez que é nesse espaço que acontecem trocas que acarretarão ricas experiências. No ambiente preparado, a criança possui autonomia para gerir seu aprendizado e o/a professor/a é o/a agente motivador/a e facilitador/a da aprendizagem (Figueiredo; Souza, 2021).

A partir dessa perspectiva, o/a professor/a que antes era um/a transmissor/a do conhecimento, passa a ser um/a mediador/a do desenvolvimento da criança que, por meio das vivências e convivência com os que estão à sua volta, se desenvolve (Zuchini, 2022, p. 26). Considerando o desenvolvimento da autonomia, Castro (2006) remete a Vygotsky (1896-1934) para afirmar que a criança se desenvolve em interação com o meio, a evolução da criança como sujeito autônomo se dá a partir das relações e das possibilidades que elas vivenciam dentro do ambiente escolar.

A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro. Segundo Vygotsky (1984) para que o desenvolvimento real, que se refere às conquistas que já são consolidadas na criança, como atividades que ela realiza sozinha ocorram, a criança passa pelo desenvolvimento potencial, que

se refere ao que ela realiza com o auxílio de outro indivíduo. As experiências nesse processo são de suma importância.

A distância entre os dois níveis de desenvolvimento é chamada de Zona do Desenvolvimento Proximal, onde a criança realiza atividades com o apoio de alguém até que seja capaz de realizar sozinha (Vygotsky, 1984). Lima (2010, p. 5), de modo semelhante, afirma que a “autonomia não é aprendida, ela é construída ao longo do desenvolvimento.”

Um dos pesquisadores do desenvolvimento infantil que enfatizou a importância da construção da autonomia, foi Jean Piaget (1896-1980). De acordo com ele, somos seres sociais, ou seja, todo ser humano interage, agrega, contribui e realiza trocas com os meios em que vive. Em sua teoria do desenvolvimento humano, afirma que a partir dos três anos de idade a criança com a linguagem desenvolvida o suficiente para se comunicar começa não apenas a observar o meio, mas a questionar e criar hipóteses sobre o mesmo.

Para Piaget, é interagindo com o meio que a criança irá sair de uma perspectiva centrada em si mesma, para olhar para o outro, acarretando “a existência de vários pontos de vista e da necessidade de troca e cooperação” (Castro, 2006, p. 3). A partir dessa perspectiva, percebe-se que Piaget entendia a criança como um ser ativo em seu desenvolvimento, que diante de um cenário de troca e cooperação ativa contribui com o meio.

Montessori (1965) também discute sobre o desenvolvimento da criança, porém, defende que o ambiente deve se adaptar às demandas da criança, ou seja, cabe aos adultos promover espaços e estratégias para que as crianças possam desenvolver suas potencialidades.

Além disso, Montessori propôs que o processo educativo fosse livre, ao mesmo tempo que incentiva a disciplina, habilidades essas que levam a criança a tornar-se cada vez mais independente. Isso significa que cabe aos adultos incentivar cada criança a se desenvolver, deixando que ela tente até conseguir, em um ambiente saudável e propício para o seu desenvolvimento, evitando fazer o que a criança pode fazer sozinha, para não atrapalhar seu processo de evolução (Zuchini, 2022).

A partir dos pontos levantados referentes às ideias de Piaget (1973), Wallon (1945), Vygotsky (1998) e Montessori (1965) é possível observar que um ponto converge: a criança se desenvolve a partir de uma base biológica aliado à interação com o meio em que está inserida. Sendo assim, a criança é um ator social que possui um papel ativo no seu processo de elaboração do meio e construção da sua própria identidade, atribuindo aos adultos à sua volta o papel de mediadores e incentivadores desse processo (Zuchini, 2022).

Essa compreensão é ampliada pela Sociologia da Infância, que reconhece a criança como sujeito competente e produtor de cultura, e não apenas como um ser em mudança, conforme

destacam Sarmiento e Pinto (1997), o que evidencia a conquista de visibilidade social da infância e a necessidade de se compreender a criança como categoria social estrutural, com direitos e capacidade de participação ativa na sociedade.

Nesse contexto, é possível afirmar que os espaços e mobílias escolares têm ligação direta com a qualidade nos processos educativos, a maneira como o ambiente está organizado influencia no modo como as crianças irão explorar e se movimentar dentro do espaço (Silva, S., 2019). É necessário pensar em um ambiente que estimule o interesse e pertencimento de forma que o desenvolvimento da autonomia esteja presente nas relações, atividades e brincadeiras, no cotidiano das crianças.

Ainda para Soares Silva (2019) a organização do espaço contribui para a aprendizagem da criança, pois um espaço adequado auxilia o desenvolvimento intelectual e social, bem como a possibilidade de as crianças realizarem atividades de seu interesse, desenvolvendo suas capacidades intelectuais, motoras e sociais.

A importância de espaços e ambientes diversificados também contribuem para o desenvolvimento autônomo da criança, tendo em vista que ela precisará exercer diferentes atividades, sozinha e em grupo, para que essas habilidades sejam desenvolvidas.

Nos locais e situações de brincadeiras, a criança é agente de seu próprio desenvolvimento, a medida em que atua selecionando suas atividades, e objetos seus lugares preferidos, seus colegas; por outro lado, ela também é influenciada pelo ambiente sócio-físico em que se encontra, que atua sobre ela, facilitando, contribuindo, e até mesmo, alterando seus comportamentos, os quais, por sua vez, também modificam o ambiente (Elali; Fernandes, 2008, p. 42).

Assim, o ambiente educador, preparado para a criança, será estimulante para o processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo em que ele é prazeroso para a criança, é favorável para que ela estabeleça suas relações interpessoais e desenvolva suas relações entre o cotidiano escolar e o mundo (Figueiredo; Oliveira, *no prelo*).

Os espaços na educação infantil devem despertar a curiosidade das crianças, permitindo que interajam e adquiram conhecimentos com o meio, os objetos, nas relações e brincadeiras, desenvolvendo assim relações de autonomia com os outros e com o meio.

A criança precisa brincar com o imaginário, poder fantasiar, pois o brincar espontâneo se torna um instrumento valioso e facilitador no processo da autonomia, da criatividade, da experiência, tornando as aprendizagens significativas (Castor; Oliveira, 2021, p. 126).

Elali (2003) salienta a importância da participação da criança na construção do ambiente, é necessário que o educador tome como ponto de partida os interesses das crianças para construção de espaços adequados, que promova autonomia de movimento, escolhas e

brincadeiras, já que são essas que proporcionam às crianças um desenvolvimento de socialização, cognição e psicomotricidade.

Na atividade, ou objeto escolhido pela criança, está disponibilizado o que ela necessita para o aprendizado autônomo, diferentemente do método tradicional de ensino, em que os alunos devem aprender o mesmo conteúdo em um mesmo momento, independentemente de sua vontade, pois, segundo Montessori (1965), a atividade da criança há de ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade do mestre.

No desenvolvimento da autonomia na criança, o papel do/a professor/a é crucial, ele pode promover a autonomia fornecendo atividades e tarefas que permitam às crianças explorar e descobrir por si mesmas, isso inclui oferecer escolhas dentro do ambiente de aprendizagem e incentivar a resolução de problemas de forma independente.

Segundo Chokler (2015), cabe ao adulto criar condições ambientais, sociais e físicas, de modo que as crianças se apropriem das ferramentas e atitudes para realizar tal atividade, estar atento ao desenvolvimento individual e global da criança também auxiliará no processo, assegurando deste modo, condições necessárias para uma atividade autônoma que respeite os ritmos de aquisição e aprendizagem inerentes a cada fase em que a criança se encontra.

A respeito dos/as professores/as, Montessori (1965) traz um novo conceito de ensino: ressignifica os processos necessários para educação e apresenta-os sob outro olhar. O/a professor/a nesta sala de aula não tem como objetivo apenas ensinar ou transmitir o conhecimento, mas sim, observar, conhecer a criança, descobrir seus interesses, entendê-la, permitir que interaja e explore o meio onde vive.

Esta perspectiva do papel do/a professor/a possibilita que a criança aprenda a exercer a autonomia, pois os materiais disponíveis nas salas propõem às crianças o exercício de autonomia, já que os materiais são preparados para atender às necessidades educacionais, e variar as possibilidades do aprendizado, ao mesmo tempo que estão disponíveis para o fácil acesso durante todo o tempo. As atividades são propostas para que haja desenvolvimento dentro do ambiente educacional, para que o desenvolvimento se torne efetivo, é necessário que seja significativo, assim, a criança poderá crescer e viver em sua sociedade, de forma mais plena e atuante.

É importante ressaltar que deixar que a criança realize certas atividades sozinhas não significa que o educador deve deixar a criança sempre agir por conta própria, sem supervisão, mas que ele estará presente de forma a observar e auxiliar a criança quando necessário.

Autonomia não deve ser posta como o contrário de dependência, uma vez que uma criança sempre será dependente de adultos em alguma esfera,

mas isso não significa que ela não é autônoma dentro das possibilidades do seu universo. Uma prova disso é que as crianças precisam de suporte dos adultos que a cercam para que consigam integrar-se à sociedade com autoconsciência e evoluam para controlar seus impulsos naturais (Mühlbacher; Sutterlüty, 2019, p. 7).

Dessa forma, quando analisamos a importância que o ambiente proporciona no desenvolvimento da autonomia, se torna na educação infantil evidente a importância da preparação de espaços organizados, atrativos, envolventes, favoráveis e engrandecedores para as crianças.

A organização do ambiente deve ser compreendida como parte do planejamento pedagógico. Espaços acessíveis, seguros, esteticamente cuidadosos e ricos em materiais convidam as crianças a explorar, escolher, negociar, cuidar, brincar e produzir sentidos. Por isso, o espaço não é apenas cenário da prática pedagógica, mas um elemento que participa da educação das crianças.

Por fim, é necessário que a escola planeje a estrutura do ambiente escolar para possibilitar a promoção do desenvolvimento da criança de forma integral.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da autonomia na educação infantil é um processo essencial e progressivo que deve ser cuidadosamente cultivado desde os primeiros anos de vida da criança. Ao longo deste artigo, foi possível compreender como a autonomia está essencialmente ligada ao desenvolvimento integral da criança, influenciando diretamente sua capacidade de tomar decisões, resolver problemas e interagir com o meio de forma crítica e ativa.

Conclui-se que a autonomia, na Educação Infantil, não se desenvolve de forma isolada nem espontânea. Ela é construída nas relações entre crianças, adultos, espaços, materiais, tempos e propostas pedagógicas.

A revisão realizada indica que ambientes acessíveis, seguros, ricos em possibilidades de exploração e planejados com intencionalidade favorecem experiências de escolha, participação, cuidado de si e convivência. O professor, nesse processo, não perde sua função; ao contrário, assume o papel de mediador atento, que observa, escuta, organiza condições e intervém quando necessário.

A proposta de Maria Montessori (1965) reforça a importância do ambiente organizado, acessível e estimulante, onde as crianças possam explorar, escolher e agir com liberdade e responsabilidade. Esse modelo pedagógico aliado às contribuições de pensadores como

Vygotsky (1998), Piaget (1973) e Wallon (1945), destacam a criança como sujeito ativo, social e construtor de conhecimento, cujas potencialidades são amplificadas na medida em que encontram um meio físico e social propício ao seu desenvolvimento.

O desenvolvimento da autonomia na infância não deve ser visto como um objetivo isolado, mas como parte de uma formação humana ampla, que prepara a criança para ser protagonista de sua própria história, contribuindo de forma consciente, crítica e responsável para a sociedade em que vive, investir em ambientes educativos que valorizem e estimulem a autonomia é, sobretudo apostar uma educação mais democrática sensível e transformadora.

O desenvolvimento da autonomia na Educação Infantil está relacionado ao papel fundamental do ambiente escolar, das práticas pedagógicas e do estímulo à independência das crianças. A revisão narrativa permitiu organizar a discussão em quatro achados principais: primeiro, a autonomia infantil é construída em relações de cuidado, brincadeira e participação; segundo, a organização dos espaços e materiais amplia ou limita as possibilidades de escolha e iniciativa das crianças; terceiro, a mediação docente é decisiva para que a liberdade não se confunda com abandono; quarto, a autonomia precisa ser compreendida como processo gradual, situado e compatível com as necessidades de proteção, vínculo e escuta próprias da Educação Infantil.

Conclui-se que a autonomia, na Educação Infantil, não se desenvolve de forma isolada nem espontânea. Ela é construída nas relações entre crianças, adultos, espaços, materiais, tempos e propostas pedagógicas. A revisão realizada indica que ambientes acessíveis, seguros, ricos em possibilidades de exploração e planejados com intencionalidade favorecem experiências de escolha, participação, cuidado de si e convivência. O professor, nesse processo, não perde sua função; ao contrário, assume o papel de mediador atento, que observa, escuta, organiza condições e intervém quando necessário.

Como destacou Montessori (2017, p. 60) “a finalidade da primeira forma de intervenção educativa é conduzir a criança à independência”. Essa independência construída no cotidiano contribui para que a criança se torne um sujeito ativo, confiante e responsável, portanto promover autonomia é preparar a criança para a vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Wallon e a Educação. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010. p. 71-87.

AQUINO, Ligia Maria Leão de. Contribuições da teoria histórico-cultural para uma educação infantil como lugar das crianças e infâncias. **Revista de Psicologia**, 2015, p. 39-43. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1353>

ARCHARD, David. Crianças, adultos, autonomia e bem-estar. In: BAGATTINI, Alexander; MACLEOD, Colin. **A natureza do bem-estar das crianças**. Londres: Springer, 2015, p. 3-14.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: Geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderno, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, CEB, 2010.

CASTRO, Ana Luisa Manzini Bittencourt de. O desenvolvimento da criatividade e da autonomia na escola: o que nos dizem Piaget e Vygotsky. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 23, n. 70, p. 49-61, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2026.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2026. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.

CRUZ, Gisele; CRUZ, Viviane. O Método Montessori e a Construção da Autonomia Da Criança na Educação Infantil. **Caderno Intersaberes**, v. 8, n. 15, 2019. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1261> Acesso em: 07 maio 2026

ELALI, G. A.. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, n. 2, p. 309-319, maio 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/DFpfPmBzKgVDWNRbth7vtWN/?lang=pt> Acesso em: 07 maio 2026. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200013>

EPSTEIN, A; HOHMANN, M. **O Currículo Pré-Escolar Higscope**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2019.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos, a Experiência de Lóczy**. 2. ed. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011.

FIGUEIREDO, Leonardo Henrique Franco de; SOUSA, Rafael Rossi. Ambientes de aprendizagem para além do espaço: desenvolvimento, implicações, perspectivas e o método montessoriano. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 36, 28 de setembro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/36/ambientes-de-aprendizagem-para-alem-do-espaco-desenvolvimento-implicacoes-perspectivas-e-o-metodo-montessoriano>

FIGUEIREDO, Pedro Paulo Viana; OLIVEIRA, Marcos Henrique Lins de. Diálogos entre Arquitetura e Psicologia no Ambiente Escolar: As Conexões entre Ciências para Produção de um Ambiente Estimulador. **Revista Risco**. *No prelo*

LIMA, Antonia Emanuela Oliveira de. **Educação Infantil**: as rotinas no desenvolvimento da autonomia. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Ceará, 2010.

MONTESSORI, Maria. **A Criança** - tradução de Luiz Horácio da Mata. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

MONTESSORI, Maria. **A mente da criança**: mente absorvente. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1987.

MONTESSORI, Maria. **Pedagogia Científica**: A descoberta da criança. São Paulo: Flamboyant, 1965.

MÜHLBACHER, Sarah; SUTTERLÜTY, Ferdinand. O princípio da autonomia infantil: uma justificativa para a agenda normativa dos estudos da infância. **Estudos Globais da Infância**, 2019, p. 249-260. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1033/789> Acesso em: 07 maio 2026

OLIVEIRA, Marciana Duarte de; CASTOR, Cátia Gonçalves. A educação infantil (pré escola) na perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da rede municipal de ensino de Presidente Kennedy-ES. In: SILVA, Américo Junior Nunes da (org). **O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 4**. Editora Atena, 2021, p. 113-131.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

SALDANHA, Ana Júlia Dias. Educação Infantil: na perspectiva da abordagem Emmi Pikler de 0 a 3 anos. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Centro Universitário do Planalto Central Professor Aparecido dos Santos, 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M; SARMENTO, M. J. (Org.). **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997. p. 9-30.

SILVA, Claudionor Renato da; SILVA, Valcene Batista da. Um estudo sobre a arquitetura e as mobílias na Educação Infantil. **Itinerarius Reflectionis**, Jataí-GO., v. 15, n. 2, p. 01–19, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/56295>. Acesso em: 7 maio. 2026. <https://doi.org/10.5216/rir.v15i2.56295>

SILVA, Amanda Soares. Sentimentos de pertencimento e identidade no ambiente escolar. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 130–141, 2019. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/535>. Acesso em: 5 nov. 2024.

SILVEIRA, Reviane Francly Silva da; OLIVEIRA, Tiago Mendes de; SOUZA, Gilson Luiz Rodrigues. Maria Montessori: Uma Vida Dedicada às Crianças e sua Colaboração à Educação. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**, v. 5, n. 10, jul-dez 2014. p. 47-51.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo, SP: Manole, 1989.

ZUCHINI, Fernanda. **A visão dos pais e educadores sobre o desenvolvimento da autonomia na primeira infância**. Dissertação (Estudos em Educação). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Lisboa, 2022.